

esses problemas, conclui a autora, o CLAS – como modelo dominante de participação comunitária no setor de saúde – constitui uma experiência muito rica em termos de geração de verdadeiros espaços de deliberação, proposta e controle social no marco do direito à saúde, permitindo à comunidade organizada adentrar na máquina estatal, conhecer a lógica e limites de funcionamento das entidades e serviços públicos.

A quinta parte do volume é intitulada *Problemas Sociais que têm Forte Impacto na Saúde*, ficando evidente a importância da violência sobre a saúde. Temos aqui um grupo de oito textos, a saber: *Alcoholismo, Otras Adicciones y Varias Imposibilidades*, de Eduardo L. Menéndez & Renée B. di Pardo; *Drogas: Armas ou Ferramentas?*, de Eduardo Viana Vargas; *Faces de um Tema Proscrito: Toxicomanias e Sociedade*, de Marcos Batista; *La Violencia Homicida y su Impacto sobre la Salud en América Latina*, de Saúl Franco; *Impacto da Violência no Brasil e em Alguns Países da América*, de Edinilsa Ramos de Souza; *Violência Interpersonal: Salud Publica y Gobernabilidad*, de Roberto Briceño-León; *Diferenciación Espacial de la Violencia en América Latina*, de Luiza Iñiguez Rojaz, Simone M. Santos & Chistovam Barcellos; *Homens, Saúde e Violência: Novas Questões de Gênero no Campo da Saúde Coletiva*, de Márcia Thereza Couto & Lilia Blima Schraiber.

As análises sobre saúde e violência oferecidas nesta parte permitiriam uma reflexão à parte que ultrapassaria os limites desta resenha. Mas vale pinçar o trabalho de Edinilsa Ramos de Souza, que nos explica que nas grandes cidades do mundo e em alguns países, como o Brasil, nas últimas décadas, os dados epidemiológicos têm mostrado crescimento da morbidade e mortalidade por causas externas. No Brasil, as chamadas causas externas constituem, esclarece a autora, o segundo grande grupo gerador de mortes, em seguida de doenças associadas ao aparelho circulatório. Verifica-se que a violência tem vitimado ampla camada de populações cujas características majoritárias, quase universais, são as de um grupo de jovens, do sexo masculino, residentes de áreas periféricas e/ou desfavorecidas das grandes metrópoles urbanas e socialmente carentes; em geral, possuem baixa escolaridade e são preferencialmente negros ou descendentes dessa etnia. Souza conclui que os efeitos da violência sobre a saúde são revelados pelo fato de que aquela produz, além da repercussão física, danos psicológicos de dimensão desconhecida. Tais danos afetam diretamente o setor da saúde pública, que é obrigado a dispensar às vítimas um atendimento integral de assistência, recuperação e reabilitação, bem como de prevenção e promoção à saúde, elevando inevitavelmente os custos dos cuidados, que já são normalmente pressionados para baixo pelas limitações orçamentárias.

Podemos dizer, portanto, que este livro revela a excelente qualidade da produção intelectual na América Latina nesse campo de estudo. O esforço de reunir as contribuições mais relevantes do VII Congresso Latino-Americano de Ciências Sociais e Saúde num único volume representa uma tentativa inegavelmente bem-sucedida, por oferecer para o público interessado uma visão abrangente do estado das artes no campo das ciências sociais e humanas em saúde na região. Reunir um considerável número de pesquisas realizadas em contextos sociais tão diversos e com

orientações teóricas e disciplinares diversificadas não é uma tarefa fácil.

Claro, um empreendimento como este, de mais de setecentas páginas, não fica vulnerável a críticas. É o caso, por exemplo, das dificuldades que devem ter tido os organizadores em classificar e adequar os 38 textos em cinco grandes divisões que permitissem assegurar a unidade temática do conjunto. Ou seja, a idéia ambiciosa de reunir um grande número de contribuições teve seu preço, uma vez que o esforço de dar coerência formal não basta para eliminar a heterogeneidade interna inevitável. De todo modo, o conjunto da coletânea nos revela a riqueza de possibilidades de investigação empírica, de articulação de enfoques teóricos diversos e de possibilidade de realização de pesquisas comparadas, que vão permitir aprofundar o debate daqui para frente. Este esforço de síntese constitui, no nosso entender, o gesto maior que sanciona o livro como uma referência obrigatória para os estudos na área.

Paulo Henrique Martins
Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.
pahem@terra.com.br

José Remon Tavares da Silva
Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

A FESTA TECNOLÓGICA: O TRÁGICO E A CRÍTICA DA CULTURA INFORMACIONAL. Dunley G. São Paulo: Editora Escuta/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005. 229 pp.

ISBN: 85-7541-066-0

O surgimento da metafísica na Grécia antiga, como substituta do conhecimento mítico, marcaria o início da trajetória ocidental de afastamento e rejeição do divino – do extraordinário – que lá apareceu primeiramente como abandono por parte dos deuses em relação aos homens. Na modernidade, a ciência e o processo de secularização tornaram Deus desnecessário, fazendo Nietzsche anunciar reflexivamente, na virada para o século XX, a morte de Deus. A festa tecnológica que hoje vivemos, com seu consumo desmesurado, em uma cultura centrada nos *mídia* que fazem circular informação, seria a comemoração do triunfo do humano sobre o divino, após um período de luto pela morte de Deus. Ao mesmo tempo, as próteses informacionais trazidas à existência pelo homem no auge deste processo, parecem recolocá-lo diante do extraordinário, diante de forças que ameaçam levá-lo à perdição. Haveria no contemporâneo um sentimento de horror, escamoteado pela ilusão do domínio pleno sobre a vida que a tecnologia traz. O homem desamparado, “... abandonado pelos deuses, tornou-se ambigualmente algoz e vítima de seu próprio projeto ocidental – nihilista na modernidade e indiferente na contemporaneidade” (p. 23).

É especialmente em Hölderlin, Freud, Nietzsche e Heidegger que Dunley vai buscar os alicerces para operar um pensamento sobre a *festa tecnológica*, tendo como foco as próteses informacionais (híbridos do humano e do não-humano) enquanto seu ponto mais crítico e ainda não pensado. Seu trabalho constitui um pensamento preparatório que busca expor,

nas próteses informacionais, a ferida encoberta mas (re)aberta, que separa o humano do divino.

Nessa separação voluntária do divino, o homem ocidental criou meios para ter certezas, moldando o mundo à sua feição e criando instrumentos que culminam nas próteses tecnológicas. Mas, ao fim, encontra a si mesmo ainda incerto e mortal, e aterrorizado com seu excesso de finitude, com seu “não ser Deus”.

A autora pensa sobre o desejo humano desmesurado de ser separado (de Deus), de ser indivíduo, seguro por sua ação de conhecimento acerca do indeterminado e inexplicável do real. Pensa ainda a ação obrada pela metafísica – da vontade de saber à vontade de dominar –, como paradoxalmente desejo de fundir-se a Deus (de ser Deus – desembaraçado do desamparo).

No pensamento moderno, Nietzsche e Freud representam modos de exposição da ferida ao desficharem golpes sobre uma filosofia da ordem que pretende o controle absoluto (do Absoluto), e buscam modos para liberar o homem, dissolvendo um “eu” que se queria completo e incitando-o a assumir seu desamparo e indeterminação.

Para Dunley, faz-se necessário um pensamento preparatório frente às oportunidades e riscos que o contemporâneo embute. Citando o texto de Hölderlin, trabalhado por Heidegger, que alerta que “... onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva”, Dunley lembra que a técnica, embora atue como mera reprodução, ou como repetição automática, guarda uma descoberta sobre a existência (um descobrir) que revela a ação criadora e a diferença. Mas, ao citar também Vernant, lembra o “... perigo que cresce naquilo que salva”. Isto é, a repetição típica da técnica aponta o perigo do desejo automático de fusão que se apresenta contemporaneamente na conexão a uma rede única – o mega-híbrido –, que coloca como origem do social o capital flexível, mas que é um retorno degradado do desejo de continuidade, de fusão com o divino, que aí indiferencia, anula, ou que, nos moldes freudianos, é instinto de morte.

O pensamento trágico apresenta o sentimento de real como um duplo do real, um simulacro, não representável pela razão conceitual. É preparatório, ao colocar a realidade angustiante da indeterminação e do desamparo que costuma ficar protegida, na vida cotidiana, pelas ilusões de certeza que retiram da vida “... sua dimensão constituinte de acaso, a sua dimensão trágica, tentando com isto banir o terror...” (p. 61).

Tendo por hipótese que o real tem um caráter múltiplo, excessivo, hiperbólico, a técnica (em sentido amplo) seria uma ação extratora e repetidora deste excesso, que também é um desocultamento do real, que produz sentido ao inexplicável. O homem, na tentativa de fuga do desamparo, quer colocar o real sob domínio, submetendo-o a uma explicação definitiva. Entretanto, a técnica teria um potencial de salvação, na medida em que guarda com a arte um “parentesco consanguíneo”. Embora ambas, arte e técnica, expressem a angústia do estar lançado no acaso do devir, a arte, diferencialmente da técnica, opera uma crítica às certezas petrificadas construídas pela metafísica, que desrealizam a vida.

O pensamento preparatório de Dunley mais abre portas e questões do que as fecha ou conclui. Ele convida à necessidade de exhibir, de colocar em cena, com o pensamento trágico, a ferida aberta pela separação

com o divino, apelando ao sentimento do real, de modo a convocar o pensamento à reflexão acerca da condição humana: um pensamento que nega qualquer pretensão de domínio organizado sobre a existência ou de apoderamento sobre outrem, lembrando que somos humanos e que podemos nos alegrar ao querer que assim o seja.

Para a autora, “... o trágico pode ser ponte sobre o abismo” (p. 222) em uma contemporaneidade desmesurada, onde se encontra um homem que pode assumir seu dilaceramento, o homem trágico da aurora, de Nietzsche.

Na perspectiva da cultura ocidental contemporânea, que permite uma trilogia de reflexões não excludentes: a origem grega, a iminência de acabamento ou fim e a possibilidade de um recomeço, Dunley se debruça sobre a terceira, vislumbrando nas próteses informacionais o reaparecimento, dissimulado pelas certezas de domínio que a tecnologia parece proporcionar, do desejo de fusão com o divino, quer dizer, o desejo de estar no lugar do pleno domínio do mundo, que se confunde com o desejo de individualização, de independência frente ao divino. Entretanto, a ponte entre este desejo encoberto de fusão com o divino e o conhecimento e a técnica, está mais bem explorada em seu livro na cultura grega e na modernidade do que no seu (re)apacimento nas redes informacionais (o mega-híbrido humano e não-humano).

A linguagem acadêmica própria de uma Tese de Doutorado, e pouco familiar a não filósofos, assim como o uso de termos gregos – mesmo trabalhados pela autora – podem aparecer como barreiras às suas intenções de apresentar o pensamento trágico como um pensamento preparatório para o leitor contemporâneo.

A leitura induzida pelo título da obra poderá causar decepção a alguns leitores, já que a questão central da autora parece não ser a “festa tecnológica” e a “cultura informacional”, que surgem somente enquanto aspectos do contemporâneo a partir dos quais pode reincidir o pensamento dos limites humanos frente à sua pretensão de domínio.

Resta-nos saber de que modos tal pensamento preparatório poderia difundir-se. Se Heidegger falava da ação de dominação que acaba colocando o homem também como um fundo de reserva disponível para uso – restrito a trabalhar –, hoje, as transformações tecnológicas, oriundas de sua ação de dominação, tendem a colocar os homens como dispensáveis, substituídos que vão sendo pelos próprios instrumentos que criaram. Embora o contexto contemporâneo possa guardar nesta perplexidade a possibilidade de, suscitando o terror (ele não merece seu destino) e a compaixão (isto poderia acontecer comigo) levar o homem a pensar acerca do que fez consigo mesmo em sua rota de fuga do acaso, não se descartam daí a possibilidade crescente da barbárie, numa busca ainda mais desenfreada por amparo.

Geni Chaves Fernandes
Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, Brasil.
geni@centroin.com.br

Regina Maria Marteleto
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
regina.mar@terra.com.br